

**SACERDOTISAS DE MINERVA:  
NOTAS SOBRE AS PRECEPTORAS ALEMÃS EM SERGIPE (1860-1920)**

Samuel Barros de Medeiros Albuquerque<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho consiste na divulgação da pesquisa *Preceptoras alemãs em Sergipe (1860-1920)*, que está sendo desenvolvida no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Brandão de Aras. Inspirado em procedimentos teórico-metodológicos na Nova História Cultural e explorando uma variada documentação dispersa em acervos públicos e privados, o referido estudo analisa as representações e práticas de preceptoras alemãs que atuaram em Sergipe, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Dessa forma, além da compreensão de uma prática educativa que marcou a formação das elites brasileiras, esta pesquisa tenciona ampliar o debate acerca da história da docência, lançando luzes sobre períodos e objetos pouco focalizados pelos holofotes da historiografia educacional.

**Palavras-chave:** preceptoria – educação doméstica – historiografia educacional.

**MINERVA'S PRIESTESS:  
NOTES ABOUT THE GERMAN PRECEPTRESSES IN SERGIPE (1860-1920)**

**Abstract:** This work aims at disseminating the research “German Preceptresses in Sergipe/*Preceptoras alemãs em Sergipe (1860-1920)*”, which is being developed at the doctoral program of History at UFBA, advised by Professor Lina Maria Brandão de Aras. Inspired on theoretical-methodological procedures on the New Cultural History and exploiting a wide documentation scattered in private and public collections, this study analyzes practices and representations of German preceptresses that worked in Sergipe, between the second half of the 19<sup>th</sup> century and the first decades of the 20<sup>th</sup> century. This way, besides understanding an educational practice of Brazilian elite, this research tends to extend the debate on the history of teaching, clarifying the period and objects not really focused on educational historiography.

**Key words:** preceptresses – domestic education – educational historiography.

Num passado não muito distante, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, educadoras estrangeiras estiveram a cultivar a fina-flor da juventude brasileira. Eram preceptoras alemãs, inglesas, francesas e suíças que cruzavam o Atlântico, seduzidas por boas propostas de emprego.

O ofício de preceptora começou a ser delineado na segunda metade do século XVIII, consolidando-se em princípios do século seguinte<sup>2</sup>. Representando um ramo específico da

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe – UFS (docente) e Universidade Federal da Bahia – UFBA (doutorando). E-mail: samuelalbuquerque@ufs.br

<sup>2</sup> A difusão da preceptoria, dentro e fora da Europa, foi atestada pela proliferação de escolas dedicadas à formação de preceptoras. Segundo Ritzkat, mesmo antes da unificação alemã, o Reino da Prússia já tinha

docência, dedicado à educação no âmbito doméstico, a preceptoria era a forma mais individualizada de instrução. Distantes dos modelos tradicionais de escola, muitos jovens eram instruídos em seus próprios lares, onde passavam a conviver com as preceptoras. No Brasil, essa prática tornou-se comum entre as famílias abastadas do século XIX, persistindo durante as primeiras décadas do século XX.<sup>3</sup>

Entretanto, o que podemos observar é que a historiografia educacional brasileira privilegiou o estudo das instituições formais de educação. A raridade de estudos sobre a preceptoria, contudo, pode remeter a uma questão importante: apesar da constatação e reconhecimento enquanto prática instituída, a educação realizada na esfera privada, foi alijada dos registros oficiais, deixando poucos vestígios em arquivos públicos. Assim, estudar a preceptoria é se debruçar sobre uma prática educativa parcamente estudada<sup>4</sup>, além de contribuir para os debates acerca da história da docência no Brasil<sup>5</sup>.

A trilha que percorri até chegar ao universo das preceptoras foi, apesar de alguns percalços, excitante. Corria o ano de 2003 e eu, ainda aluno de graduação, estudava um manuscrito revelador da condição feminina nos oitocentos: as memórias de Aurélia Dias

---

escolas preparatórias que recebiam as moças que, posteriormente, seguiriam em jornada pedagógica pelo mundo [RITZKAT, Marly B. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliana Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 269-290 (Coleção Historial, 6)].

<sup>3</sup> No Brasil, as preceptoras começam a perder terreno em meados do século XX, quando se proliferaram os colégios fundados por congregações religiosas, nos quais o público alvo era, sobretudo, as jovens da elite. Além disso, no século XX o mercado europeu ampliou as possibilidades de trabalho para mulheres, apresentando alternativas além do magistério.

<sup>4</sup> Na historiografia educacional brasileira, as contribuições mais significativas são: RITZKAT, Marly G B. *A vida privada no Segundo Império: pelas cartas de Ina von Binzer (1881-1883)*. São Paulo: Atual, 1999 (Coleção O olhar estrangeiro); RITZKAT, Marly G. B. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES Eliana Marta T.; FARIAS FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 269-290 (Coleção Historial, 6); CANEN, Ana; XAVIER, Libânia Nacif. Multiculturalismo, memória e história: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil. In: MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Tereza S. (Orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. pp. 63-79; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

<sup>5</sup> A esse respeito é de fundamental importância os contínuos estudos realizados pelo GEDOMGE (Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero), que, sob a coordenação de professores da Faculdade de Educação de São Paulo (FEUSP) — Denice Barbara Catani, Belmira Oliveira Bueno, Cynthia Pereira de Sousa e Maria Cecília Cortez C. de Souza — reúne professores da rede pública do Estado de São Paulo e alunos da FEUSP. Esse grupo, desde o início da década de 1990, tem se dedicado a discutir e propor modos de análise e intervenção no domínio da produção em História da Educação brasileira e da pesquisa acerca da formação de professores. Temas relacionados à memória e a história da profissão docente vêm sendo constantemente explorados em seminários e publicações patrocinados pelo GEDOMGE, do ponto de vista de suas considerações individuais e coletivas, que se constituem em pontos de referência para os estudos da área. Sobre a contribuição do grupo, consultar: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAN, Helena Coharik. A atuação do grupo de estudos docência, memória e gênero GEDOMGE – FEUSP (1994-2006). In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *Autobiografia, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPURS, 2006. pp. 21-30.

Rolleberg (Dona Sinhá), mulher da elite sergipana que viveu entre 1863 e 1952<sup>6</sup>. Aquela narrativa autobiográfica conduzia-me à antiga província de Sergipe, desvendando aspectos da vida privada da aristocracia brasileira.<sup>7</sup>

Entre as personagens que povoam as reminiscências de Aurélia Rolleberg, uma especialmente chamou minha atenção: Marie Lassius, preceptora alemã que atuou em Sergipe durante quase duas décadas (1861-1879), educando crianças e jovens de duas das principais famílias da açucarcocracia local — os Dias Coelho e Mello, do Engenho Escurial (São Cristóvão), e os Faro Rolleberg, do Engenho Topo (Japaratuba). A jovem Aurélia, filha de Antônio Dias Coelho e Mello (Barão da Estância) e Lourença de Almeida Dias, foi uma das pupilas de Fräulein Lassius que, conferindo ao universo educacional *status* privilegiado em sua narrativa autobiográfica, notabilizou-se ao conceder fragmentos da trajetória da mestra.

Seguindo os rastros dessa preceptora alemã, iniciei na historiografia sergipana os estudos sobre a preceptoria, fenômeno que passou despercebido pelos historiadores que estudaram as práticas educativas desenvolvidas na Província/Estado de Sergipe até as primeiras décadas do século XX<sup>8</sup>. Nesse sentido, no primeiro número do *Cadernos UFS – História da Educação*, publiquei o artigo *Marie Lassius, uma preceptora alemã em Sergipe (1861-1879)*<sup>9</sup>. Em julho de 2003, circulou no jornal *Cinform* o artigo *A missão de uma educadora alemã em Sergipe (1861-1879)*<sup>10</sup>, uma versão sintética do texto anterior, adaptada ao grande público.

Nesse percurso, menciono também o lançamento do livro *Memórias de Dona Sinhá*<sup>11</sup>, em janeiro de 2005, durante o XI Encontro Sergipano de História<sup>12</sup>. Ao incorporar a história de Fräulein Lassius, no capítulo intitulado *Educando as filhas do Barão*<sup>13</sup>, o livro passou a

<sup>6</sup> ROLLEMBERG, Aurélia Dias. *Manuscrito*. Aracaju, [19—]. Acervo da família Fonseca Porto. Aracaju-SE.

<sup>7</sup> Entre março de 2003 e junho de 2004, produzi a monografia *As memórias de Dona Sinhá*, orientada pela Profª Drª Terezinha Alves de Oliva [ALBUQUERQUE, Samuel B. de Medeiros. *As Memórias de Dona Sinhá*. São Cristóvão: 2004. 135 p. TCC (Licenciatura em História) – DHI/UFS]. O estudo consistiu na análise e na edição paleográfica da autobiografia de Aurélia Dias Rolleberg (1863-1952). Para tanto, revisei uma interessante bibliografia sobre narrativas autobiográficas e edição de documentos manuscritos.

<sup>8</sup> Sobre os estudos de História da educação em Sergipe ler: NASCIMENTO, Jorge C. do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003 (Coleção Educação é História, 1).

<sup>9</sup> ALBUQUERQUE, Samuel B. de Medeiros. Marie Lassius, uma preceptora alemã em Sergipe (1861-1879). *Cadernos UFS: História da Educação*. São Cristóvão, v. 5, n. 1, pp. 67-78, 2003.

<sup>10</sup> ALBUQUERQUE, Samuel B. de M. A missão de uma educadora alemã em Sergipe (1861-1879). *Jornal Cinform*, Aracaju, 14 a 21 jul. 2003. *Caderno de Cultura & Variedades (Pensamento Acadêmico)*, p. 4.

<sup>11</sup> ALBUQUERQUE, Samuel. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia, 2005.

<sup>12</sup> Desdobramento do meu trabalho de conclusão de curso, a publicação foi patrocinada pelos descendentes da memorialista que, sensibilizadas com a pesquisa desenvolvida na universidade acerca da matriarca do clã, decidiram unir esforços e viabilizar sua publicação. Também tive o apoio da UFS, responsável pela editoração eletrônica do trabalho, e do Departamento de História (DHI/UFS), na divulgação e festa de lançamento.

<sup>13</sup> ALBUQUERQUE, Samuel. Educando as filhas do Barão. In: \_\_\_\_\_. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia, 2005. pp. 147-159.

representar um importante veículo de preservação e divulgação do mencionado estudo sobre a preceptoria.<sup>14</sup>

Meu ingresso no Mestrado em Educação da UFS, em março de 2005, foi o início de uma nova e frutífera etapa desta pesquisa. Ao final do curso de mestrado, defendi a dissertação *A preceptora: representações em Amar, verbo intransitivo de Mário de Andrade*, onde estudei as representações da figura histórico-literária da preceptora no romance modernista *Amar, verbo intransitivo* (1927). Inicialmente, busquei reconstituir aspectos ligados a produção e circulação da referida obra, bem como peculiaridades da edição sobre a qual me debrucei. Em seguida, enveredei pelas representações construídas por Mário de Andrade acerca da preceptora européia, materializada na figura literária de Fräulein Elza. Finalmente, voltei-me para um dos aspectos que mais singulariza a preceptora de *Amar, verbo intransitivo*, a fusão entre os papéis de educadora e prostituta (“professora de amor”). Ao longo do trabalho, promovo o cotejo entre as representações literárias e historiográficas acerca da preceptora alemã e da prática da preceptoria, observando os pontos de encontro e distanciamento.<sup>15</sup>

Muito recentemente, em dezembro de 2007, tive o projeto de pesquisa *Preceptoras alemãs em Sergipe (1860-1920)* aprovado na seleção para o ingresso no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA<sup>16</sup>. Nesta nova etapa, além da prática educativa, tenciono investigar as práticas e representações de preceptoras alemãs que atuaram em Sergipe, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Para realização da pesquisa, estou tomando como norte os procedimentos teórico-metodológicos da Nova História Cultural<sup>17</sup>. O principal conceito empregado tem sido é o de

---

<sup>14</sup> Nesse sentido, a obra foi relançada na Universidade de São Paulo, durante o “*Autobiografia 2005*”, simpósio internacional sobre questões relacionadas aos discursos autobiográficos, realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, entre 20 e 22 de setembro de 2005. Além disso, muitas têm sido as apropriações do texto, transitando desde trabalhos de conclusão de curso até obras de autores como Mary Del Priore, que, na obra *História do Amor no Brasil*, utiliza-se do *Memórias de Dona Sinhá* ao tratar das práticas amorosas no oitocentos brasileiro (DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005).

<sup>15</sup> ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *A preceptora: representações em Amar, verbo intransitivo de Mário de Andrade*. São Cristóvão/SE, 2007, 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe.

<sup>16</sup> ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *Preceptoras alemãs na Bahia e em Sergipe*. Salvador, 2007, 20 p. Projeto de Pesquisa (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História /Universidade Federal da Bahia.

<sup>17</sup> Corrente historiográfica que, a partir da década de 1970, fez com que os historiadores deslocassem seus olhares para as práticas culturais. Foi, sobretudo, a partir da década de 1990 que, guiados pela Nova História Cultural, os estudos de História da Educação no Brasil ampliaram seu conceito de fonte, os objetos focalizados, e os períodos recortados. A influência da Nova História Cultural sobre os historiadores da educação fez com que o interesse se deslocasse da investigação das normas para o estudo das práticas escolares. Sobre estas questões, consultar: LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001; e VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO,

*representação*, partindo das leituras e interpretações que fiz de escritos do historiador francês Roger Chartier<sup>18</sup>. Para ele, ao criarem *representações* seus artífices descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse, deixando entrever interesses pessoais e de grupo. A análise das fontes tomará esse conceito como lente, percebendo ser fundamental no ofício do historiador a identificação do “modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.<sup>19</sup>

Muitos são os nomes da Sociologia que podem contribuir para minha pesquisa. Contudo, considerando o risco de incompatibilidade teórica, optarei pela utilização de conceitos apanhados na obra do alemão Norbert Elias. Para compreender o modelo de civilização no qual as elites brasileiras que aderiam à prática da preceptoria se espelhavam farei uso de um conceito clássico de Elias, o de *civilização*. Segundo o sociólogo, a civilização é um processo que teve início no Ocidente do século XII, caracterizando-se pelo refinamento dos costumes. Essa modificação dos padrões de sensibilidade e comportamento é atribuída à monopolização da violência pelo Estado e à extensão das redes de interdependência social. O modelo civilizacional dos europeus é aspirado pelos demais países do Ocidente<sup>20</sup>. Dessa forma, a contratação de preceptoras pode ser interpretada como um dos instrumentos legitimadores do processo de expansão da Europa para além de seus limites físicos.

Na historiografia educacional luso-brasileira, sobretudo dos estudos desenvolvidos por Rogério Fernandes, apanharei alguns conceitos que serão amplamente empregados neste estudo, como *educação doméstica*, *preceptoria* e *preceptora*.<sup>21</sup> A *educação doméstica* constitui-se no conjunto das práticas educativas realizadas no âmbito do espaço privado ou da “Casa”<sup>22</sup>, que antecede e se desenvolve paralelamente à construção, aceitação e afirmação da escola formal. Tais práticas ocorriam na casa dos aprendizes sob a responsabilidade de seus pais que se encarregavam eles mesmos de exercê-las ou contratavam, para esse fim, mestres,

---

Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, pp. 37-70, 2003.

<sup>18</sup> Esse conceito foi (re)elaborado em diversas obras do historiador Roger Chartier, entre as quais: CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990; CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1998; CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2 ed. Brasília: Editora da UNB, 1998; CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990. p. 16.

<sup>20</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

<sup>21</sup> FERNANDES, Rogério. *Os caminhos do ABC*. Sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras. Porto: Porto Editora, p. 126.

<sup>22</sup> MATTOS, Ilmar. *O tempo Squarema*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1999, p. 27-28.

professores particulares ou preceptores. Esse conceito irá figurar no quadro das modalidades de educação que eram aceitas e reconhecidas como diferentes maneiras de educar crianças e jovens no Brasil de antanho: o *ensino público*, aquele oferecido nas escolas mantidas pelo Estado ou por “associações subordinadas a este”; o *ensino particular*, aquele oferecido em colégios particulares ou nas casas dos mestres<sup>23</sup>; além da *educação doméstica*.

Nos últimos anos, surgiram no Brasil algumas contribuições que ampliaram o conhecimento acerca da educação doméstica. Em 1999, a professora Marly Bicalho Ritzkat, tendo como base documental às cartas de Ina von Binzer, publicou o estudo intitulado *A vida privada no Segundo Império*<sup>24</sup>. No ano seguinte, a mesma autora publicou o texto que, efetivamente, inaugurou o tema no âmbito acadêmico. A grande vitrine para o artigo *Preceptoras alemã no Brasil* foi à obra *500 anos de educação Brasil*, que reúne textos de destacados pesquisadores da nossa historiografia educacional<sup>25</sup>. Também em 2000, apareceu a obra *Refúgios do eu*, reunindo textos de importantes estudiosos sobre escritos autobiográficos femininos, entre eles figura o artigo de Ana Canen e Libânia Nacif Xavier no qual empreendem uma substancial análise das cartas Ina von Binzer<sup>26</sup>. Em 2004, veio a público a obra da professora Maria Celi Chaves Vasconcelos, tese desenvolvida na Faculdade de Educação da PUC-Rio<sup>27</sup> e publicada pela editora Gryphus<sup>28</sup>. Também em 2004, um TCC foi

---

<sup>23</sup> Nessa modalidade, destacam-se: 1- Colégios particulares, constituíam-se, em sua maioria, em “escolas domésticas”, ou seja, escolas localizadas em espaços adaptados, onde por vezes, residiam seus diretores e mestres (casas, seminários ou conventos, quando os mestres costumavam ser os próprios eclesiásticos), cujo modelo é o que mais se aproxima da escola estatal. Os mestres eram contratados pelos diretores dos estabelecimentos, denominados como professores e ministravam aulas a crianças e jovens de idades e famílias diferentes, em horários que poderiam ser parciais ou integrais. As famílias atendidas pagavam pela educação recebida. Apesar de atender às crianças e jovens coletivamente, o método utilizado até as últimas décadas de Oitocentos aproximava-se do método individual característico das outras formas de educação doméstica, com alunos sendo atendidos e avaliados detalhadamente, de maneira individual, pelo professor [O título colégio se aplica indistintamente, no Brasil, a toda espécie de escola, mesmo as mais elementares. Cf. ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Instrução pública no Brasil (1500-1889)*. História e legislação. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2000, p. 95]; 2- Mestre-escola, enquanto educadores atuavam em sua própria casa, atendendo crianças e jovens de diversas famílias e, na maioria das vezes, de faixas etárias diferentes. Eram ensinados diversos conhecimentos e habilidades como primeiras letras, português, latim, inglês, francês, gramática portuguesa, latina, inglesa e francesa, caligrafia, música, canto, entre outras. Podiam ser contratadas apenas as aulas que interessassem aos alunos. O pagamento do mestre-escola era feito pelos pais de cada criança atendida.

<sup>24</sup> RITZKAT, Marly G B. *A vida privada no Segundo Império*: pelas cartas de Ina von Binzer (1881-1883). São Paulo: Atual, 1999 (Coleção O olhar estrangeiro).

<sup>25</sup> RITZKAT, Marly G. B. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES Eliana Marta T.; FARIAS FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 269-290 (Coleção Historial, 6).

<sup>26</sup> CANEN, Ana; XAVIER, Libânia Nacif. Multiculturalismo, memória e história: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil. In: MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Tereza S. (orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. pp. 63-79.

<sup>27</sup> VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – PUC-Rio.

<sup>28</sup> VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005, 247 p.

desenvolvido no curso de graduação em pedagogia, da Faculdade de Educação da UERJ. Roberta Dias dos Santos buscou o elo entre as preceptoras do Brasil oitocentista e as atuais professoras “explicadoras” (professoras de aulas de reforço escolar).<sup>29</sup>

No que confere às fontes históricas da pesquisa, além do já mencionado texto de memórias de Aurélia Rollemberg e do romance *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade<sup>30</sup>, uma variada documentação coligida em acervos públicos e, sobretudo, privados da Bahia e de Sergipe será utilizada. Optarei por relacionar e referenciar essas fontes no espaço e momento adequados – tese que será defendida até março de 2012. Contudo, posso fazer algumas breves considerações sobre o plano de redação da tese. O primeiro capítulo analisará as representações construídas e difundidas pela literatura e pela historiografia educacional brasileira acerca das preceptoras alemãs. O segundo capítulo apresentará narrativas com perfis biográficos de preceptoras que atuaram em Sergipe. Finalmente, no terceiro capítulo analisarei as características mais significativas da prática da preceptoria ao longo do período estudado, partindo do diálogo entre fontes e bibliografia.

Dessa forma, lançar um olhar retrospectivo sobre a prática da preceptoria, como tem feito, ainda que timidamente, a historiografia educacional brasileira, ou, ainda, perceber como as representações acerca dos seus agentes (as preceptoras) vêm sendo (re)construídas não é uma empresa movida exclusivamente pela curiosidade, desprovida de vínculos com as práticas educativas do presente. Nesse sentido, o professor Rogério Fernandes considera significativo o caso dos Estados Unidos, onde os problemas das políticas públicas de educação parecem conduzir à revalorização de modalidades de ensino que tinham perdido a sua vigência histórica. A demanda de muitas famílias norte-americanas por modelos dotados de eficiência pedagógica, manutenção de valores e segurança física, tem reavivado a instrução no âmbito doméstico, o que é reforçado pela disposição atual das novas tecnologias educacionais. Dessa forma, percebemos como a pertinência desse tema não pode ser mensurada, exclusivamente, por seu caráter de reconstituição de uma prática educativa perdida num passado distante.

---

<sup>29</sup> SANTOS, Roberta Dias dos. *Professora ensina em casa: das preceptoras às explicadoras*. 2004. 50 p. TCC (Graduação em Pedagogia) – UERJ.

<sup>30</sup> ANDRADE, Mário. *Amar, verbo intransitivo*. Idílio. São Paulo: Antonio Tisi, 1927.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário. *Amar, verbo intransitivo*. Idílio. São Paulo: Antonio Tisi, 1927.

ROLLEMBERG, Aurélia Dias. *Manuscrito*. Aracaju, [19—]. Acervo da família Fonseca Porto. Aracaju-SE.

+++

ALBUQUERQUE, Samuel B. de Medeiros. Marie Lassius, uma preceptora alemã em Sergipe (1861-1879). *Cadernos UFS: História da Educação*. São Cristóvão, v. 5, n. 1, pp. 67-78, 2003.

\_\_\_\_\_. A missão de uma educadora alemã em Sergipe (1861-1879). *Jornal Cinform*, Aracaju, 14 a 21 jul. 2003. Caderno de Cultura & Variedades (Pensamento Acadêmico), p. 4.

\_\_\_\_\_. *As Memórias de Dona Sinhá*. São Cristóvão: 2004. 135 p. TCC (Licenciatura em História) – DHI/UFS.

\_\_\_\_\_. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia, 2005.

\_\_\_\_\_. *A preceptora: representações em Amar, verbo intransitivo de Mário de Andrade*. São Cristóvão/SE, 2007, 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe.

\_\_\_\_\_. *Preceptoras alemãs na Bahia e em Sergipe*. Salvador, 2007, 20 p. Projeto de Pesquisa (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História /Universidade Federal da Bahia.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Instrução pública no Brasil (1500-1889)*. História e legislação. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2000.

CANEN, Ana; XAVIER, Libânia Nacif. Multiculturalismo, memória e história: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil. In: MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Tereza S. (orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. pp. 63-79.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2 ed. Brasília: Editora da UNB, 1998.

\_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.



ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FERNANDES, Rogério. *Os caminhos do ABC*. Sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras. Porto: Porto Editora.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MATTOS, Ilmar. *O tempo Saquarema*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1999.

NASCIMENTO, Jorge C. do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGE, 2003 (Coleção Educação é História, 1).

RITZKAT, Marly G B. *A vida privada no Segundo Império: pelas cartas de Ina von Binzer (1881-1883)*. São Paulo: Atual, 1999 (Coleção O olhar estrangeiro).

RITZKAT, Marly G. B. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES Eliana Marta T.; FARIAS FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 269-290 (Coleção Historial, 6).

SANTOS, Roberta Dias dos. *Professora ensina em casa: das preceptoras às explicadoras*. 2004. 50 p. TCC (Graduação em Pedagogia) – UERJ.

SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAN, Helena Coharik. A atuação do grupo de estudos docência, memória e gênero GEDOMGE – FEUSP (1994-2006). In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *Autobiografia, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPURS, 2006. pp. 21-30.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – PUC-Rio.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, pp. 37-70, 2003.